



ISSN: 1984-7688

COMPULSÃO POR CIRURGIA PLÁSTICA: ASPECTOS PSICOLÓGICOS

COMPULSIVE PLASTIC SURGERY: PSYCHOLOGICAL ASPECTS

Evaristo Magalhães^{1*}; Ana Karine Nery Carneiro²

¹Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, Belo Horizonte, MG, Brasil

²Faculdade Pitágoras, Belo Horizonte, MG, Brasil

*etnm90987@yahoo.com.br

Recebido em: 08/06/2011- Aprovado em: 10/12/2011 - Disponibilizado em: 29/12/2011

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a compulsão por cirurgia plástica na sociedade contemporânea. Analisa esse comportamento tendo como eixo teórico os conceitos de castração, narcisismo e sublimação elaborados por Freud numa interface com a angústia de estarmos no tempo com todas as consequências desta verdade.

PALAVRAS-CHAVE: compulsão por cirurgia plástica, castração, narcisismo, sublimação.

ABSTRACT: This article aims to discuss the compulsion for plastic surgery in contemporary society. Analyzes this behavior having as theoretical concepts of castration, narcissism and sublimation in Freud developed by interfacing with the anguish of being in time with all the consequences of this truth.

KEYWORDS: Article; compulsive plastic surgery, castration, narcissism, sublimation.

INTRODUÇÃO

Gostaria de iniciar este artigo com duas reportagens jornalísticas extraídas da web. A primeira intitulada Cirurgia Plástica no Brasil (2010), relata:

O Brasil é o recordista mundial em cirurgias plásticas. Os dados são da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e a estatística é de que no ano 2000 aproximadamente 350.000 pessoas tenham se submetido ao bisturi por razões puramente estéticas, passando a frente dos Estados Unidos, tradicionais campeões nesta área. É como se, em cada 10.000 habitantes brasileiros, 207 tivessem sido operados durante o ano que passou. (<http://vivatranquilo.com.br>)

Com o aumento da procura do público por estas cirurgias, cresce também o número de profissionais se especializando nessa área. Hoje, o Brasil possui, proporcionalmente é claro, a mesma quantidade de médicos em atividade que os Estados Unidos e um número maior de interessados em pós-graduação e especialização em plástica.

E o mais interessante é que esses profissionais vêm alcançando sucesso e reconhecimento fora do país nunca visto em outras áreas da medicina. Pode-se dizer que o Brasil virou referência mundial por possuir uma enorme equipe com nomes sempre presentes em congressos internacionais.

Outro aspecto também faz com que o Brasil se destaque em relação aos Estados Unidos e à Europa no campo da cirurgia plástica. É impressionante o ímpeto com que o público se entrega sem reservas à mesa de cirurgia. Enquanto nos outros países a plástica exige um tempo de pesquisa e reflexão e os pacientes, em geral, mostram preocupações principalmente com a anestesia, os brasileiros decidem se operar muito mais rápido e só parecem ter medo do resultado que pode não ficar tão bom quanto o esperado.

Assim, um público cada vez maior e, principalmente, bem mais diversificado recorre aos consultórios dos principais cirurgiões em busca, antes de qualquer outra coisa, de um maior bem estar com o próprio corpo. Os homens, que há cinco anos eram apenas 5% dos operados, estão contribuindo para engrossar as estatísticas. Hoje já representam 30% do total. Os jovens também estão recorrendo à plástica no Brasil como em nenhum outro país. Pacientes menores de 18 anos já chegam a 13% do total.

Atualmente os cirurgiões dividem os pacientes em três grandes grupos levando em conta principalmente o motivo que os levaram a procurar a cirurgia. O maior de todos continua sendo composto por aqueles que desejam pelo menos atenuar os devastadores efeitos do tempo. O segundo maior reúne os pacientes que desejam eliminar imperfeições físicas e estéticas capazes de causar um sério desgaste psicológico. O último grupo vem ganhando mais adeptos de uns tempos para cá. Ele é formado pelos que recorrem à plástica com a única meta de esculpir um corpo perfeito.

Esse último grupo, apesar de cada vez mais expressivo, vem preocupando médicos e psicólogos. A supervalorização pela mídia de um padrão estético quase impossível de ser alcançado naturalmente tem levado um número enorme de pessoas, principalmente mulheres muitas vezes ainda adolescentes, a se submeterem a operações na maioria das vezes complicadas e desnecessárias. E o mais alarmante é que elas atrelam a possibilidade da felicidade completa e de uma desejada realização pessoal ao sucesso das correções estéticas que as aproximam do que vêem pela televisão.

A segunda intitulada "Maldita compulsão!: A Era dos Extremos – Cirurgia Plástica (2010), relata:

No último 31 de janeiro, uma jovem de 27 anos morreu na mesa de cirurgia para realizar seu sonho: fazer uma lipoaspiração. Segundo dados da Folha de São Paulo do dia 02 de fevereiro de 2009, "a lipoaspiração hoje é a

cirurgia plástica mais procurada no país".
(malditacompulsao.blogspot.com)

O que chama a atenção neste caso, em particular, é como milhares de pessoas arriscam a vida, hoje em dia, para modificar seu padrão estético, em busca de um corpo perfeito.

Contudo, este modelo estético é praticamente inalcançável, levando uma multidão de pessoas aos consultórios médicos e centros estéticos em busca de seios e bumbuns desproporcionais aos seus tipos físicos, que muitas vezes lhes causam problemas posteriores de saúde.

Hoje, a imagem é um dos vários produtos oferecidos nas prateleiras da máfia da mídia, nas quais podemos escolher entre o peito igual ao da atriz da novela das oito que saiu na Playboy, ou da última edição do Big Brother Brasil produzido pela Rede Globo de Televisão, que exibiu suas "sinuosas formas" durante toda uma temporada alienante de dito programa...

Esta preocupante "moda" distorce totalmente os reais valores sobre o corpo, não importando muito a preservação da saúde, mas sim a manutenção de uma bela imagem, a qualquer preço.

Sem entrar muito na longa discussão a respeito da não aceitação da velhice, que leva principalmente as mulheres ao uso de cirurgias de correção, aplicação de botox e vários outros procedimentos que apagam o passar dos anos de seus corpos, não aceitando o curso natural do tempo.

É alarmante a forma como as atuais gerações lidam com seu corpo e com o passar dos anos, vivendo em uma ditadura na qual prejudica a saúde e cerceia sua felicidade por padrões estéticos.

Guardadas as devidas proporções no formato das reportagens citadas, este artigo tem como objetivo problematizar as seguintes questões: por que o fato de habitarmos uma temporalidade sempre foi um fator

desencadeador de angústias? Por que a forma, a textura, a consistência e o peso do corpo se tornaram elementos incômodos para homens e mulheres? Por que milhares de pessoas se submetem a diferentes procedimentos cirúrgicos com o objetivo de se tornarem mais belas?

A castração

Se transpusermos a teoria da castração elaborada por Freud para a problemática da compulsão por cirurgias plásticas, diríamos que é na experiência da castração que o indivíduo reconhece ao preço da angústia, a realidade de estar no tempo e vivenciar as perdas advindas deste fato.

Em todos os seres humanos a consciência da historicidade é precedida da ilusão da onipotência. Com a castração o indivíduo terá que aceitar que o universo é composto de perdas e que o corpo tem limites. O corpo do presente evolui, neste caso, sempre para menos, ainda no que tange à sua fisiologia.

Freud, a partir da sua clínica, situa a castração na infância relacionando-a com a sexualidade infantil. Ou seja, o menino terá que aceitar que jamais seu pênis lhe permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe (1980a).

Nosso intento aqui é tratar a teoria da castração de Freud, na perspectiva de que não se pode ter tudo, articulando-a com a questão da compulsão por cirurgia plástica.

De acordo com Freud, é na infância que experienciamos a fantasia de que poderemos viver às avessas de qualquer interferência externa. No que se refere à estética, trata-se do momento preliminar das crenças infantis de que é possível colocar de lado o fato de que envelheceremos, de que a forma física, a textura e a consistência de nossa pele e músculos demorarão muito a perder em elasticidade e firmeza. No entanto, aos poucos, a descoberta da realidade de

que pessoas que eram jovens e já não são, a constatação do nascimento de outras, abre caminho para a angústia de um dia ficarmos similarmente daquele jeito e de não podermos voltar no tempo.

É a folha que seca, a ave que já não voa, a fruta que amadurece, dentre outras, que ameaça nossas práticas narcísicas ou auto-eróticas. Quase tudo o que nos rodeia conspira contra nossa vontade de vencer o tempo e nos tornarmos eternamente jovens. A internalização desta verdade histórica estará na origem do supereu, instância psíquica vinculada à realidade em contraposição ao desejo auto-erótico.

No que concerne à compulsão por cirurgias plásticas, é certa dificuldade dos sujeitos em se curvarem ao fato de que nossa imagem sofre com as intempéries do tempo. Na infância parece que não temos nenhuma preocupação com isto, mas, as mudanças naturais, sociais e pessoais vêm então conferir sua significação plena à percepção visual de um perigo até então negligenciado. Dado ao apego afetivo narcísico que nós temos pela nossa imagem, não podemos admitir que poderemos um dia sermos desprovidos dela. Preferimos defender a ficção que forjamos para nós mesmos em detrimento da realidade percebida como desesperadora.

Vejamos como Freud descreve o pânico do menino por ocasião da perda da sua completude imaginária:

Sabemos como (os meninos) reagem às primeiras impressões provocadas pela falta do pênis. Eles negam essa falta e acreditam estar vendo um membro, apesar de tudo; descem um véu sobre a contradição entre a observação e a preconcepção, tratando de achar que ele ainda é pequeno e crescerá em breve, e chegam lentamente a esta conclusão, de grande alcance afetivo: antes, pelo menos, ele tinha realmente estado ali, e depois foi retirado. A falta do pênis é concebida como o resultado da castração, e o menino vê-se então obrigado a se confrontar com a relação entre a castração e sua própria pessoa (1980, p. 115).

Não obstante, em algum momento teremos que enfrentar nossa condição humana fundamental. É

nesse momento que surge realmente a angústia da castração.

De acordo com Nasio (1995), a angústia da castração não é efetivamente sentida por nós, pois é inconsciente. Essa angústia não deve ser confundida com a angústia vivida sob a forma de medos, pesadelos, etc. Esses distúrbios não passam de manifestações de defesas contra o caráter intolerável da angústia inconsciente.

É sob o efeito da irrupção da angústia de castração que a grande maioria aceita a lei da temporalidade e não desenvolve sintomatologias graves. Com a renúncia à perfeição física e o reconhecimento da realidade encerra-se a fase denominada por Freud de narcísica ou auto-erótica. Esta crise que todos nós teremos que atravessar é fecunda e estruturante já que nos tornamos capazes de assumirmos nossas faltas e produzirmos nossos próprios limites.

O narcisismo

As formulações contidas Freud no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1980b) poderão nos auxiliar ainda mais na compreensão dos comportamentos de compulsão por cirurgias plásticas.

Freud distinguiu dois narcisismos, o primário e o secundário. O primeiro modo de satisfação da libido seria o auto-erotismo, isto é, a satisfação da pulsão na contemplação de si. Freud atribui este comportamento aos pais que depositam ao filho todas as perfeições e projetam neles todos os sonhos a que eles mesmos tiveram que renunciar, garantindo assim a imortalidade de seu eu. O narcisismo primário representa de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais (Nasio, 1995).

Por que a criança sai do narcisismo primário? A criança sai dele quando seu eu se vê confrontado com um ideal com o qual tem de se comparar, ideal este

que formou fora dela e que lhe é imposto de fora. Ou seja, o mundo externo rompe este ideal de completude forjando a criança a considerar situações que ocorrem à mercê da sua vontade e ferem seu narcisismo.

Se transpusermos estas considerações para as compulsões por cirurgias plásticas, podemos dizer que este é o momento de enfrentamento com a idéia de finitude física e de perdas estéticas. A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar a despeito do fato de estar no tempo com todas as consequências deste fato.

Não obstante, o eu “aspira intensamente” reencontrar o narcisismo primário e, no que concerne às cirurgias plásticas, pode ser este o fator desencadeante das compulsões. A partir de agora só é possível considerar-se através do fantasma da perda. Ele é o elemento que vem perturbar a contemplação auto-erótica da infinitude. É através dele que se opera o reconhecimento de uma incompletude física que desperta o desejo de recuperar a perfeição da imagem.

O que ocorre nestas adições é uma dependência extrema de um objeto desejado e perdido. Toda a libido está voltada para tamponar a fratura exposta pelo tempo no corpo que evolui inevitavelmente para menos. Segundo Nasio (1995), “a identificação do eu com a imagem total representa uma regressão a um modo de incorporação com o objeto”.

A sublimação

O conceito de sublimação, elaborado por Freud, pode ser oportuno na medida em que aponta uma via de solução para a questão colocada no campo das compulsões por cirurgias plásticas.

Conforme vimos, as perdas advindas do fato de participarmos do tempo são irreversíveis. É esta ruptura com a onipotência estética que é vivenciada como desesperadora nas adições por cirurgias

plásticas. Não obstante, na teoria sobre a sublimação, Freud postula a transformação da libido experienciada como perda em realizações artísticas ou científicas. É a transubstanciação do gozo da morte (sobremaneira presente nas compulsões), em realizações não-sexuais conforme os ideais de uma dada época.

Nasio (1995) define a sublimação como algo oposto ao ressurgimento de uma lembrança intolerável. Para evitar a rememoração brutal das perdas estéticas, o sujeito consegue temperar a tensão desta sublimando a lembrança. Neste sentido, a sublimação tem por missão apresentar ao eu uma versão mais aceitável dos fatos. Nesse caso, diremos que uma pulsão é sublimada quando sua força é desviada de sua finalidade para colocar-se então a serviço de uma finalidade social, seja ela artística, intelectual ou moral.

Ora, o que observamos na contemporaneidade é a exacerbação da culpa em relação às perdas estéticas. Ao mesmo tempo, uma gama de tecnologias e produtos é ofertada prometendo ser a fonte da juventude. Nesta perspectiva, vem ocorrendo um esvaziamento coletivo e cultural em detrimento de preocupações puramente individualistas.

Conforme vimos, a consciência da finitude é inerente à condição do fato de existirmos no tempo. Não existe uma fantasia ou um objeto capaz de sublimar esta verdade na sua totalidade. Desse modo, a sublimação permanece constante e diversificada. Ou seja, sempre a procura de uma satisfação plena, jamais alcançada em definitivo. Talvez por isso possamos apreciar tantas genialidades artísticas. Freud (1980c) escreveu com muita precisão: “a sublimação é capacidade de trocar um alvo por outro”.

Se retomarmos as formulações contidas na obra “Sobre o narcisismo: uma introdução” veremos que nos casos de compulsão por cirurgias plásticas, os indivíduos estão mergulhados numa paixão narcísica de negação da morte denominada de ego ideal. Nosso

objetivo aqui é mostrar que a sublimação pode ser uma solução para este comportamento que, na grande maioria dos casos termina em formas bizarras facilmente localizadas em sites de busca da web.

Na sublimação é necessário a presença de uma instância psíquica fundamental que Freud denominará de supereu. Sendo o mediador entre o ego ideal e a realidade, o supereu impetra limites à morbidez narcísica do ego ideal, transmutando esse gozo em outros capazes de garantir alguma realização pessoal frente à inevitabilidade das perdas oriundas dos anos que vão passando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recusa da castração impetrada pelo tempo não é exclusividade dos dias atuais. Se remontarmos às civilizações antigas encontraremos relatos de rainhas, princesas e pessoas comuns, ocupadas com banhos, fórmulas, emprastos, dentre outros, visando reparar as perdas advindas da passagem do tempo.

É importante pontuar que não estamos condenando a importância das cirurgias plásticas para a medicina. Implantes, transplantes, enxertos e inúmeras técnicas de reconstituição do corpo, garantem uma melhora significativa na auto-estima de vítimas de acidentes domésticos e de trânsito. É inegável também que a cirurgia de lipoaspiração, a retirada de rugas, manchas e a reformatação do corpo, contribuem significativamente para a re-socialização de homens e mulheres antes angustiados e depressivos. Não foi destes casos que tratamos aqui.

Para aqueles propriamente compulsivos não temos dados estatísticos. Não obstante, cotidianamente presenciamos notícias de conhecidos e pessoas famosas que se submeteram, num curto espaço de tempo, a inúmeras cirurgias que nos provoca espanto muitas vezes pelo resultado bizarro. Nesta perspectiva, podemos falar da compulsão por cirurgia plástica como um problema de saúde pública. Sendo

assim, faz-se necessário saber o que a psicanálise tem a dizer sobre este fenômeno.

O enfoque psicanalítico é bem específico. Diferentemente das ciências sociais, compreende a compulsão não pelos seus aspectos exteriores e

contextuais, e sim, pelos seus aspectos singulares e subjetivos. Contudo, nunca é demais enfatizar a importância de um trabalho interdisciplinar envolvendo as relações entre estética e mídia, corporalidade e ética, corpo e mercado, direito e saúde, dentre outros, na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

<http://vivatranquilo.com.br>. Cirurgia Plástica no Brasil. Acessado em 26/03/2010.

Malditacompulsao.blogspot.com. Maldita compulsão: a era dos extremos. Acessado em 26/03/2010.

FREUD, S. *Três Ensaios sobre a teoria de sexualidade* (Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). 1980a Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: Uma introdução* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas

Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). 1980b .Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). 1980c Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).

FREUD, S. *O ego e o id* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). 1980c Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).

NASIO, J. D. *Os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.